

harry blamires a mente cristã

como um **cristão** deve pensar?

Introdução

“Ele faz as perguntas certas e propõe respostas desconfortáveis”, é o que um crítico escreveu sobre a argumentação de Harry Blamires em *A mente cristã*. Esse parecer foi dado em 1963, quando o livro primeiro apareceu na Inglaterra, e em 1978, quando a editora Servant publicou uma edição americana. E ainda era em 1997, quando a editora Servant publicou outra vez o livro. Agora, a Shedd publicações o publica para o proveito de leitores que ainda poderão descobrir esse pensador britânico cujas “perguntas certas” e oportunas e “respostas desconfortáveis” levam à reflexão.

É a C.S. Lewis que Blamires deve a habilidade de escrever com lucidez a respeito da fé cristã. Lewis, tutor de Blamires na Universidade de Oxford, treinou-o em literatura inglesa; a amizade continuou a crescer depois que Blamires se formou e também se tornou professor. Lewis incentivou os primeiros esforços literários dele, expressando louvor especial por reflexões filosóficas e morais que Blamires fizera no estudo da novela literária. O entusiasmo dele convenceu Blamires a experimentar publicar fora do campo da crítica literária.

Depois de começar com dois livros sobre educação e uma trilogia de ficção, Blamires publicou cinco obras teológicas nas décadas de 1950 e de 1960. A primeira delas, *The Faith and Modern Error* [*A fé e o erro moderno*], é uma análise da depreciação que a sociedade moderna faz do sobrenatural. *A mente cristã*, a obra mais conhecida dele nos Estados Unidos, foi motivada por ele sentir que o cristão moderno, como ser *pensante*, “já sucumbiu à secularização” e lhe falta “uma visão religiosa da vida como um todo.”

Com a publicação, em 1965, de *A Defense of Dogmatism* [*A defesa do dogmatismo*] (a edição americana teve o nome de *The Tyranny of Time* [*A tirania do tempo*]), a carreira de escritor de Blamires deu uma virada. Outro Anglicano, o Bispo John Robinson, acabava de publicar *Honest to God* [*Honesto diante de Deus*], um livro controverso que assume uma abordagem demitologizadora para com a fé cristã. Em contraste, *A Defense of Dogmatism* [*A defesa do dogmatismo*] defende a natureza revelada uma vez por todas da doutrina cristã – uma visão que ganhou para o livro uma recepção gélida em meios teológicos britânicos. Blamires, ao sentir que houve pouco interesse em suas idéias, e também que qualquer debate público com teólogos radicais poderia só lhes dar credibilidade, decidiu silenciar sobre as questões teológicas.

Fez isso por quinze anos, dedicando-se a escrever livros de crítica literária – guias para obras literárias como o *Ulysses*, de James Joyce, e as histórias da literatura inglesa. No final da década de 1970, porém, o interesse crescente por seus pontos de vista sobre o pensar cristão persuadiu Blamires a romper o silêncio. Educadores da Metodista Unida e da Batista do Sul convidaram-no para fazer preleções. A editora Servant publicou uma edição de *A mente cristã* e também *The Faith and Modern Error* [*A fé e o erro moderno*] (em 1980, sob o título, *The Secularist Heresy* [*A heresia secular*]). Sentiu-se incentivado a voltar aos escritos teológicos, o que fez com a publicação de *Where Do We Stand?* [*Onde nos posicionamos?*] (Servant, 1980), dando seguimento a *The Secularist Heresy* [*A heresia secular*].

Depois desse reaparecimento, Blamires já produziu obras no campo da literatura (mais recentemente, *A History of Literary Criticism* [*Uma História da crítica literária*], St. Martin's Press, 1991) bem como outros livros de interesse a cristãos pensantes: *A God Who Acts: Recognizing the Hand of God in Suffering and Failure* [*O Deus que age: o reconhecimento da mão de Deus no sofrimento e no erro*] (Londres: SPCK, 1983, antes intitulado *The Will and the Way* [*O propósito e o caminho*]); *On Christian Truth* [*Sobre a verdade cristã*] (Servant, 1983); *Knowing the Truth about Heaven and Hell* [*Conhecer a verdade sobre o céu e o inferno*] (Servant, 1988); e *Recovering the Christian Mind* [*Recuperando a mente cristã*] (InterVarsity, 1988). Embora a maioria das obras teológicas de Blamires esteja atualmente esgotada, muitas ainda estão disponíveis [em inglês] em bibliotecas e sebos que oferecem literatura cristã.

Com esta tradução de *A mente cristã*, Shedd publicações desejam atrair a atenção e pagar tributo mais uma vez a Harry Blamires, cuja mensagem para os cristãos que vivem no Ocidente secularizado se torna mais vital a cada ano que passa.

Introdução à edição em português

Nós falamos da ‘mente científica’ e da ‘mente moderna’, usando a palavra ‘mente’ em referência a um conjunto coletivamente aceito de noções e atitudes. Conforme o modelo desse uso eu tenho postulado uma mente cristã, principalmente com o propósito de mostrar que ela não existe. Ou seja, em contraposição à mente secular, nenhuma mente cristã atua frutiferamente, como uma influência coerente e reconhecível, sobre nossa vida social, política ou cultural.

Aceita-se que a mente popular de nossa época tem sido secularizada. Trágico como esse fato é, não seria tão desesperadamente trágico tivessem os cristãos se levantado contra a pressão secular. Mas infelizmente os cristãos têm sucumbido a essa pressão secular com um grau de fraqueza e covardia sem paralelo na história cristã. Não se pode caracterizá-lo sem recorrer à linguagem que soará histórica e melodramática.

Não existe mais uma mente cristã. Ainda há, é claro, uma ética cristã, uma prática cristã e uma espiritualidade cristã. Como seres morais, os cristãos modernos podem subscrever um código

diferente do dos não cristãos. Como membros de igrejas, eles podem aceitar obrigações e observações ignoradas por não cristãos. Como seres espirituais, em oração e meditação, eles podem se esforçar para cultivar uma dimensão de vida inexplorada por não cristãos. Mas como seres *pensantes*, os cristãos modernos sucumbiram à secularização. Eles aceitam religião – sua moralidade, sua adoração, sua cultura espiritual; mas eles rejeitam a perspectiva religiosa da vida, a perspectiva que vê todas as questões terrenas dentro do contexto do eterno, a visão que relaciona todos os problemas humanos – sociais, políticos, culturais – aos fundamentos doutrinários da Fé Cristã, a perspectiva que vê todas as coisas aqui embaixo em termos da supremacia de Deus e da transitoriedade da terra, em termos de céu e inferno.

Após tentar na primeira parte desse livro caracterizar mais claramente a divergência entre pensamento secularista e cristão eu passo então a ilustrar mais precisamente o que é a mente cristã, ou deveria ser. Eu então examino algumas pressuposições que constituiriam seu quadro de referência contribuindo para o pensamento corrente e julgando questões contemporâneas. O fato de que a aplicação dessas pressuposições a questões práticas produziriam uma violenta colisão entre a mente cristã e a mente secular é evidente.

Harry Blamires, 2005

PARTE UM

A AUSÊNCIA DE UMA
MENTE CRISTÃ

A sujeição ao secularismo

Não existe mais uma mente cristã.

É frase batida dizer que a mente do homem moderno já foi secularizada. Por exemplo, ela foi destituída de qualquer orientação para com o sobrenatural. Por trágico que seja o fato, não seria tão desesperadoramente trágico se a mente cristã tivesse se firmado contra a maré secular. Mas infelizmente a mente cristã sucumbiu à deriva secular com um grau de fraqueza e de falta de coragem sem paralelo na história do cristianismo. É difícil fazer justiça em palavras à completa perda de moral intelectual na igreja do século presente. Não se pode caracterizá-la sem buscar recurso à linguagem que soará histórica e melodramática.

Não há mais uma mente cristã. Existe ainda, naturalmente, uma ética cristã, uma prática cristã e uma espiritualidade cristã. O cristão moderno, como ser moral, subscreve a um código diferente daquele do não-cristão. Como membro da igreja, ele assume obrigações e observâncias ignoradas pelo não-cristão. Como ser espiritual, em oração e meditação, ele se esforça para cultivar uma dimensão de vida inexplorada pelo não-cristão. Mas como um ser

pensante, o cristão moderno já sucumbiu à secularização. Ele aceita a religião – a moralidade dela, seu culto, sua cultura espiritual; mas ele rejeita a visão religiosa da vida, a visão que coloca todas as coisas aqui em baixo dentro do contexto do eterno, a visão que relaciona todos os problemas humanos – sociais, políticos e culturais – aos alicerces doutrinários da fé cristã, à visão que vê todas as coisas aqui em baixo em termos da supremacia de Deus e da transitoriedade da terra, em termos de céu e inferno.

Em toda parte, encontram-se exemplos da abdicação de autoridade intelectual por parte da igreja que está por trás da descida fácil do cristão moderno para o secularismo mental. Há poucas semanas atrás, na capela de um curso superior de treinamento de uma igreja, eu ouvi um bispo imprimir sobre sua congregação a idéia que os educandários das igrejas não existem para dar ensino da igreja, mas sim para providenciar oportunidades para o culto comunal. Essa falsa antítese, com todas as suas perigosas insinuações, foi empurrada com força total. O dever de um culto de adoração comunal foi promovido com toda a força da autoridade episcopal. Com a mesma autoridade, a relevância do ensino doutrinário foi depreciada. Uma referência rápida às idolatrias materialistas más que prevalecem hoje completou o circuito ajustado de erro e de ilogicidade.

É claro que, quando se fala da perda de moral intelectual na igreja do século XX, é preciso que se tenha em mente muito mais que a depreciação da demanda doutrinária de eclesiásticos que não pensam. Minha tese se resume no seguinte: nós cristãos do mundo moderno, a não ser em um campo muito estreito do pensamento, que diz respeito principalmente a questões de conduta estritamente pessoal, aceitamos, para fins de atividade mental, um conjunto de critérios que reflete avaliações seculares. Não existe nenhuma mente cristã; não há nenhum campo compartilhado de discurso no qual nós, os cristãos pensantes, podemos nos mover facilmente por caminhos trilhados e passar por pontos de referência já estabelecidos no passado.

Talvez, a maioria dos pensadores e dos profetas aclamados de nosso tempo sejam não-cristãos. Apenas um breve olhar em algumas das críticas influentes de nossa cultura que causam impacto popular nos últimos poucos anos sugeriria esse ponto de vista. Muitos escritores que, recentemente, sondam os valores de nossa cultura, examinando a qualidade da civilização atual com olhos críticos e penetrantes, fazem isso de um ponto de vista humanista. Considere, por exemplo, Jacques Barzun com a análise perspicaz sobre o erro e a ilusão da educação moderna em *The House of Intellect* [*A casa do intelecto*]; ou, em uma esfera mais popular, a exposição de corrupções de nossa vida social e comercial nos livros de Vance Packard (*The Hidden Persuaders* [*Persuasores ocultos*] e *The Status-Seekers* [*A busca por posição*]). Considere o livro de W. H. Whyte, *The Organization Man* [*O homem organizacional*], um estudo irônico e devastador da nova imagem da hombridade ideal, cultivada atualmente pela sociedade mecanizada do Ocidente industrial, um ideal que hoje nutre gerações de homens, ideal que apela inteiramente ao desejo cru de progredir no mundo. Ou, para nos voltarmos do cenário estado-unidense para o britânico, considere a obra de nossos próprios críticos da cultura contemporânea, como Raymond Williams (*Culture and Society* [*Cultura e sociedade*]), Richard Hoggart (*The Uses of Literacy* [*Os usos do letramento*]), e Martin Green (*A Mirror for Anglo-Saxons* [*Um espelho para os anglo-saxões*]). E esses livros são mencionados, não por que sejam necessariamente profundos, mas por que representam uma corrente vital e influente no pensamento e no discurso de hoje.

Há dois pontos a serem destacados sobre o trabalho de escritores sociológicos da moda. Primeiramente, embora muitos de seus livros reflitam uma profunda preocupação e desassossego sobre o atual estado de nossa cultura, e meditem criticamente sobre os valores fajutos que o comércio está impondo ao homem moderno, em geral os juízos passados não são juízos cristãos. Não são os produtos de discernimento cristão, da instrução cristã, da visão cristã. Nenhuma teologia está por trás daquilo que, de outra forma, é uma aparente rejeição sadia do materialismo atual em suas manifestações mais

cruas. Sejam quais forem as crenças particulares dos escritores que mencionei, não pode ser dito que seus livros fazem com que a visão religiosa influa sobre a cena humana.

O segundo ponto a ser enfatizado aqui é que críticos da cultura contemporânea, tais como estes que mencionei, postando-se numa base humanística, estão todos contribuindo para um diálogo vivo. Esse diálogo acontece em nosso meio, é um aspecto de nossa vida intelectual. Exerce imediatamente pressão sobre nós. Alinhava-se em nossa vida, se a nossa sorte for lançada entre homens de inteligência. Entrelaça-se com nossas amizades e nos encontra em momentos quietos de reflexão, quando apanhamos um livro na livraria ou na biblioteca, ou apanhamos uma revista no fim de semana em casa. A corrente da conversa entre as pessoas que pensam hoje pressupõe um conhecimento da crítica rigorosa à qual o humanismo sujeita a civilização contemporânea. Escreva uma condenação crítica do homem moderno pela sua escravização à máquina, às propagandas, aos fabricantes de imagem, aos monopolistas, aos burocratas, jogue junto alguns reconhecimentos a D. H. Lawrence, George Orwell ou mesmo Matthew Arnold [e seus equivalentes]; e logo você se achará em casa e à vontade entre companheiros prosas em um campo bem-habitado de discurso. Pois os livros que mencionei mostram a mente moderna trabalhando em seu lado profético. Nasceram da mente secular, e eles, por sua vez, nutrem a mente secular. Vendem aos milhares, porque caem natural e facilmente, logo que publicados, em um campo vivo de discurso.

Agora, considere uma outra posição contrastante a essa, digamos, do livro de Joseph Pieper, *Leisure the Basis of Culture* [*Lazer como base da cultura*], uma das mais interessantes e profundas tentativas dos anos pós-guerra de refletir de modo crítico, mas cristão, sobre aspectos vitais da cultura contemporânea. Foi escrito em 1947. Foi traduzido para o inglês e publicado nos Estados Unidos, em 1952 (graças a T. S. Eliot). Até onde sei, ainda está em sua primeira edição. Minha queixa não é que Packard, Whyte e Hoggart sejam nomes largamente conhecidos, enquanto Pieper é desconhecido para muitos, apesar disso ser verdade infelizmente. Nem é que até os

próprios cristãos estejam dispostos a negligenciar o pouco discutido Pieper, mas não a ponto de se colocarem fora de contexto negligenciando Packard ou Whyte, ainda que, mais uma vez, isso também seja a triste verdade. Meu ponto é que não há nenhum diálogo vivo imediato ao qual a obra de Pieper contribui. Ela não assume seu lugar em uma conversa atual, como voz prontamente reconhecida que adota um modo de discurso familiar. (Não se nega, naturalmente, a existência de um diálogo histórico mais bem levado adiante por séculos por gigantes, como Santo Agostinho, São Tomás, Kierkegaard, e pelo próprio Pieper.) Sem negar o impacto de importantes falas isoladas, é preciso admitir que não há nenhum campo contemporâneo de discurso no qual escritores reflitam a forma cristã sobre o mundo moderno e o homem moderno.

Mencionei o livro recente e bem-discutido de Martin Green, *A Mirror for Anglo-Saxons* [*Um espelho para os anglo-saxões*]. Essa obra, com razão, desempenha um papel de certo destaque na conversa da época. Alimentou uma corrente interessante no pensamento do ano para muitas pessoas. Sem dúvida, há muitos desajeitamentos no livro, mas, assim mesmo, contém uma caracterização perspicaz do aspecto tradicional britânico alimentado por muitas forças em nossa situação cultural. Green faz uma tentativa ousada de distinguir entre um britanismo genuíno e digno e aquele ideal estéril, simulado, impingido, geração após geração, a nossos conterrâneos pelos conformismos rasos de nossa imprensa, nosso sistema educacional, nossa etiqueta social e as forças da publicidade. Vez após vez, ao ler esse livro, a pessoa aplaude mentalmente quando alguma característica do esnobismo, do engano próprio, da vaidade ou da ganância é exposta e examinada. Mas é tudo feito em nome de um ideal que o cristão rejeita. Todo o processo analítico é desempenhado em um quadro de referência que exclui totalmente a dimensão espiritual, que ignora totalmente a natureza primordial do homem como um ser religioso. Todo o processo analítico é executado dentro de uma estrutura referencial cujo ideal humano chave é, aparentemente, representado pela estranha justaposição de D. H. Lawrence, F. R. Leavis, George Orwell e Kingsley Amis.

Onde está a equivalente análise e crítica do falso ideal de britanismo que está enraizado em avaliações cristãs? Não há nenhuma, naturalmente. Publicamente, realiza-se a discussão do livro de Green mais notavelmente nas publicações cétricas. O cristão pensante tem de dar um passo à frente no campo de discurso, e outro para fora desse campo, no qual se analisam os valores atuais desse modo, como um homem vestindo e tirando roupa que o protege. Para tomar parte, como leitor ou conversador, na discussão das questões que Green levantou, a pessoa tem de se tornar mental e temporariamente um não-cristão. De outra forma, leva-se adiante um monólogo a sós. Isso por que, ao entrar no campo do discurso habitado por Green e seus pares, a pessoa e descobre ser o único cristão presente.

Assim, a condenação profética de características salientes do secularismo contemporâneo vem hoje dos próprios secularistas, cuja base de julgamento é uma base humanista. Fica claro que onde não há nenhuma mente cristã para dar o veredicto sobre a sociedade, aqueles que se importam com a dignidade e a integridade humanas em bases outras que não as do cristão serão provocados a se rebelarem contra as tendências multifárias da civilização contemporânea de despersonalizar homens e mulheres. Essa rebelião precisa ser vista como uma característica relevante do mundo pós-cristão. É boa em si. Isso é dizer que o protesto precisa ser feito. Lamenta-se, no entanto, que venha de fora da tradição cristã.

Do mesmo modo, se nós nos voltamos ao mundo da literatura imaginativa, descobriremos que as rejeições mais profundas da superficialidade e da inferioridade da civilização do século XX são provenientes de artistas que não têm nenhum contacto com a tradição cristã. Nos últimos cinquenta anos, uma série de protestos profundos e apaixonados contra as vulgaridades e as desonestidades da sociedade do século XX veio de homens literários bem-dotados e sensíveis. Em sua maioria, esses protestos representam um espírito humano indignado com as indignidades amontoadas sobre ele, mas não conhecem nada de Deus. A literatura de protesto, do século XX, é um profundo e penetrante fruto de integridade humana. Mas, ao mesmo tempo, é um monumento ao fracasso da igreja